
*(DES) CONSTRUÇÕES
TEÓRICAS EM TORNO DO TEMA
LETRAMENTO: OLHARES
ENTRELAÇADOS ENTRE
EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA*

Francisco Renato Lima ¹⁵

RESUMO: No Brasil, os estudos sobre o letramento ocupam lugar de destaque na literatura educativa desde a década de 1980 do século passado e, desde então, a expansão das (re) leituras feitas sobre esse fenômeno deu-se, principalmente, em reconhecimento, e em seguida, valorização da ‘onda’ de crescimento das manifestações da escrita nos usos cotidianos, os quais estão para além da esfera escolar, como durante muito tempo fora reduzido. Desse modo, a leitura que se propõe neste texto, objetiva refletir sobre a constituição do fenômeno do letramento, no campo da educação e da linguística, considerando-se os estudos do ‘letramento’ às abordagens trazidas pelos Novos Estudos do Letramento (NLS - *New Literacy Studies*, STREET, 1995), numa tentativa de compreender o fenômeno da escrita em seu caráter cultural, crítico, político e ideológico na dimensão aplicada de seus usos. Nos desdobramentos dessa discussão, busca-se no *contínnum* das teorias, apontar para constituição e construção do letramento: situando alguns conceitos, definições, características e exemplos, à luz das proposições teóricas de Castanheira (2009), Kleiman (1995), Lima (2015), Marcuschi (2010), Rojo (1998/2001/2012/2013/2015), Soares (2000/2010/2003a/2003b/2003c) Tfouni (1988/2010) Street (1995/2014), entre outros, que, em seus estudos, refletem sobre a aquisição da língua escrita, sob a perspectiva do alfabetizar e letrar de forma integrada, atendendo às exigências da sociedade grafocêntrica, reconhecendo nesta dimensão, o papel da escola e, sobretudo, das práticas sociais, constituídas em torno da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Alfabetização. Leitura e escrita. Prática pedagógica.

¹⁵ Graduado em Pedagogia (FSA) e Letras Português / Inglês (IESM). Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Professor de Leitura e Produção de Texto do Instituto Dom Barreto (IDB). Professor polivalente da Secretaria Estadual de Educação do Piauí (SEDUC – PI). Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem, Escola e Sociedade (LES / UFPI). Docente do ensino superior, na rede pública e privada de ensino, nas áreas de Pedagogia e Linguística. E-mail: fcorenatolima@hotmail.com

ABSTRACT: In Brazil, studies on literacy have been prominent in educational literature since the 1980s, and since then the expansion of (re) readings on this phenomenon has taken place mainly in recognition and in followed by an appreciation of the 'wave' of growth of the manifestations of writing in everyday usage, which are beyond the school sphere, as it had been for a long time reduced. Thus, the reading proposed in this text, aims to reflect on the constitution of the literacy phenomenon, in the field of education and linguistics, considering the studies of 'literacy' to the approaches brought by the New Studies of Literature (NLS - *New Literacy Studies*, STREET, 1995), in an attempt to understand the phenomenon of writing in its cultural, critical, political and ideological character in the applied dimension of its uses. In the light of the theoretical propositions of Castanheira (2009), Kleiman (1995), Lima (2015), and in the light of the theoretical propositions), Marcuschi (2010), Rojo (1998/2001/2012/2013/2015), Soares (2000/2010 / 2003a / 2003b / 2003c) Tfouni (1988/2010) Street (1995/2014), among others, In their studies, reflect on the acquisition of written language, from the perspective of literacy and literacy in an integrated way, meeting the demands of the grafocentric society, recognizing in this dimension the role of school and, above all, social practices, built around Writing.

KEYWORDS: Literature. Literacy. Reading and writing. Pedagogical practice.

INTRODUÇÃO

A natureza complexa que envolve a escrita na sociedade trouxe suscitações diversas, que foram ao longo do tempo ampliando-se e sendo cada vez mais aprofundadas, considerando-se a evolução desses processos e as formas como influenciam na vida dos sujeitos, entendendo-se que as mudanças mais notáveis em relação a esse processo “não diz respeito às formas textuais em si, mas sim à *nossa relação com a escrita*” (MARCUSCHI, 2010, p. 18) (grifo do autor), ou seja, ampliaram-se os modos e as formas como a escrita se apresenta na sociedade e, principalmente seus usos cotidianos dos sujeitos, constituindo assim, letramentos, no plural, em reconhecimento a sua amplitude no contexto das práticas sociais (STREET, 1995/2014). Isso faz com que os estudos do letramento abranjam hoje, sem ‘sombras de dúvidas’, um vasto espaço teórico na literatura educativa. Desde o letramento, mais relacionado à escolarização e ao fenômeno da alfabetização (SOARES, 2003a/2010) aos estudos do letramento na dimensão dos contextos e das práticas sociais, na quais se inclui inclusive, a alfabetização, chamada nesse contexto, de letramento escolar (ROJO, 2001), no sentido de que a escola é apenas mais uma agência de letramento, entre tantas e, que deve desenvolver uma prática integradora entre os aspectos da alfabetização e do letramento, sem separá-los ou distanciá-los na prática (LIMA, 2015).

Pensar o letramento nessa dimensão é reconhecer que os processos de leitura e escrita com os quais os sujeitos se envolvem estão para além da dimensão do código, uma vez que se

referem às múltiplas formas como eles se manifestam socialmente, exigindo do sujeito, uma leitura, seja literal (sujeito alfabetizado e letrado) ou uma leitura numa concepção ampla, de entendimento do mundo (sujeito letrado). Em ambos os casos, há bem marcada a presença do letramento, visto que exigem desse sujeito uma interação, uma participação crítica e compreensiva daquilo que faz parte de seu cotidiano e que é definido por meio da escrita formal. Por exemplo, fazer compras no supermercado é uma prática cotidiana que envolve a leitura e a escrita, mas que o sujeito mesmo sem o domínio dessas ferramentas, consegue realizá-la plenamente, apenas através de seu letramento social.

Neste sentido, a discussão que se propõe neste texto, tem por objetivo refletir sobre a constituição do fenômeno do letramento, tanto no campo da educação como da linguística, considerando-se os estudos do 'letramento' às abordagens trazidas pelos Novos Estudos do Letramento (NLS - *New Literacy Studies*, STREET, 1995), numa tentativa de compreender o fenômeno da escrita em seu caráter cultural, crítico, político e ideológico na dimensão aplicada de seus usos. Essa trajetória de leitura apóia-se nos pressupostos teóricos de Castanheira (2009), Kleiman (1995), Lima (2015), Marcuschi (2010), Rojo (1998/2001/2012/2013/2015), Soares (2000/2010/2003a/2003b/2003c) Tfouni (1988/2010) Street (1995/2014), e outros; que auxiliem a costurar o entendimento sobre a questão do letramento, partindo de alguns conceitos, definições, características e exemplos, conforme se destaca no corpo deste texto, a seguir.

DA CONSTITUIÇÃO E CONSTRUÇÃO DO FENÔMENO DO LETRAMENTO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA LINGUÍSTICA: ALGUNS CONCEITOS, DEFINIÇÕES, CARACTERÍSTICAS E EXEMPLOS

Trazer conceitos e definições do que seja Letramento apresenta-se como uma tarefa muito complexa, pois é difícil estabelecer uma formulação sem correr o risco de deixar alguma lacuna ou restrição quanto ao entendimento, uma vez que seu conceito, no Brasil surgiu associado ao de alfabetização, e que acarretou uma série de equívocos conceituais e na prática escolar. Assim, para defini-lo é recomendável que se comece por colocá-lo por níveis e, assim, estabelecer critérios de condição de letrado.

Pressupor o letramento apenas como competência do sujeito que se diz alfabetizado é uma ideia simplista e um tanto reducionista, se forem consideradas as múltiplas práticas letradas com as quais esse sujeito se

envolve no dia-a-dia, as quais, muitas delas, requerem a criticidade e a capacidade de compreensão, que está para além do ato de ler e escrever mecanicamente. (p. 271)

[...] persistir nessa separação é incorrer em um percurso de atraso e reducionismo nas práticas de ensino. A escola deve alfabetizar letrando, ou pelo letramento, como prática social e construção do sujeito através da escrita. Fazer deste o caminho para a aprendizagem autônoma e crítica dos alunos. (LIMA, 2015, p. 280)

A começar pelo termo, Letramento é uma nomenclatura nova no contexto das ciências educativas e sociais, visto que é a partir dos anos 80, do século XX que seu uso começa a figurar em publicações de cunho educacional e nos discursos dos linguistas, especialistas e estudiosos brasileiros da área da língua portuguesa. Tanto é recente seu uso, que ainda não é comum encontrá-la em alguns dicionários. A palavra é advinda do termo inglês *literacy*, que “vem do latim *littera* (letra), com o sufixo – *cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser” (SOARES, 2010, p. 17), e sua tradução para a língua portuguesa busca ampliar o conceito de alfabetização, na medida em que chama a atenção não apenas para o domínio da tecnologia de ler e escrever (codificar e decodificar), mas foca na questão do uso dessas habilidades em práticas sociais, culturais, políticas, econômicas, e outras.

O letramento surge por vias que requerem uma legitimação e assimilação por parte dos estudiosos da educação, e conserve em sua essência uma estreita relação com o termo alfabetização, o que gera muitos desdobramentos e conflitos de entendimentos, e consequentemente execução na prática pedagógica. Soares (2000) aponta que:

É verdade que o conceito de letramento, bem como a nova concepção de alfabetização que decorre dele e também das teorias do construtivismo que chegaram ao campo da educação e do ensino nos anos 80, trouxeram um certo exagero na utilização de diferentes gêneros e diferentes portadores de texto na sala de aula. (JORNAL DO BRASIL – 26/11/2000)

O letramento surge a partir da necessidade “de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e escrever resultantes da aprendizagem do sistema da escrita”. (SOARES, 2003b, p. 6), onde o indivíduo aprenda a partir da elaboração e construção do pensamento. Soares (2010, p. 18) ainda conceitua: “é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Com o surgimento do termo Letramento, relacionado à Alfabetização, foram necessários a ampliação dos estudos sobre as relações de semelhança e distinção entre estes

pontos, muitas vezes conflituosos de compreensão, como destaca Castanheira (2009), ao afirmar que o termo é corrente nos ambientes escolares, porém a questão semântica ainda gera dúvidas, o que resulta numa dicotomia entre teoria e prática, e que as experiências advindas dos cursos de formação docente comprovam as constantes dúvidas dos educadores sobre alfabetizar e letrar. Há um descompasso de entendimento entre alfabetização e letramento, já que não se pode falar em um conceito único, pois seu sentido não é unânime, mesmo entre os principais estudiosos do assunto.

[...] alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção se faz necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele. (SOARES, 2003b, p. 90)

Letramento e alfabetização são, portanto, processos que devem ser indissociáveis na aprendizagem do educando. O primeiro inicia-se logo que o indivíduo nasce, nas primeiras relações que estabelece com os veículos sociais grafocêntricos, nas relações interpessoais e com os objetos que veiculam informação, através da escrita e que o rodeiam; e o segundo é introduzido no repertório cultural da criança através da entrada na escola.

O letramento constitui-se da construção de aspectos sócio-históricos da língua falada e escrita, através da elaboração de formas e contextos diferenciados. “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.” (TFOUNI, 2010, p. 22). A condição de letrado pressupõe o entendimento mais amplo que o processo da alfabetização, tomando-a como fenômeno isolado.

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar para ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma

diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES, 2003b, p. 92).

Letramento é, portanto, um estado ou condição humana adquirida pelas relações sociais formais ou informais do meio em que vive, em que o indivíduo através da leitura do mundo, passa a interpretá-lo e transformá-lo, de maneira a inserir-se como sujeito autêntico de sua história e da sua sociedade, buscando melhores condições de participação e sobrevivência no seu meio. O nível de letramento de um grupo caracteriza-se, principalmente, pelas condições sociais, culturais e econômicas a que o sujeito está vinculado, que determinam as interações sociais do mesmo, e que dependem da interferência real da escola e da abertura que esta faz de materiais de leitura, no atendimento às necessidades e valores da sociedade. Soares (2010, p. 37) enfatiza que:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu *lugar* social, seu *modo de viver* na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente. [...] a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada. (Grifos da autora)

A natureza do letramento consiste, pois, na problematização progressiva na construção do conhecimento, sob um enfoque investigador, crítico e analítico que perpassa os limites de uma aprendizagem reprodutora, com modelos pré-definidos. O letramento é definido por Kleiman (1995, p. 19), como

[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita.

Ao tratar do letramento, Tfouni (2010), aponta para as **características** desse fenômeno, que vai além do domínio do ato de ler e escrever, por isso é fundamental analisar são somente as pessoas que assimilaram a tecnologia da leitura e da escrita, consideradas alfabetizadas, mas também aquelas que não tiveram acesso a essa tecnologia, os considerados analfabetos. Segundo a mesma autora, existem letramentos de variadas naturezas, o que reafirma a

existência dos analfabetos, porém letrados, sujeitos com domínio de práticas sociais modernas e racionais.

Rajo (1998, p. 181-182) traz uma compreensão de letramento como prática social, que explicita as funções e impactos sociais da escrita:

O letramento está [...] presente na oralidade, uma vez que, em sociedades tecnológicas como a nossa, o impacto da escrita é de largo alcance: uma atividade que envolve apenas a modalidade oral, como escutar notícias de rádio, é um evento de letramento, pois o texto ouvido tem as marcas de planejamento e lexicalização típicas da modalidade escrita.

Completa: “o letramento adquire múltiplas funções e significados, dependendo do contexto em que ele é desenvolvido, isto é, da agência de letramento por ele responsável” (ROJO, 1998, p. 182). Coloca-se as práticas de leitura como elemento fundamental na promoção de um letramento.

Os conceitos postulados sobre letramento, sempre o associam ao domínio das competências de ler e escrever transmitidas pela escola, mas é urgente o pensar em uma definição mais ampla, que respeite a diversidade cultural de cada indivíduo, considerando que o sujeito nasce e cresce interagindo com veículos de informação e comunicação (placas, jornais, rádios, televisão, entre outros) presentes no meio em que vive, e que já o tornam de certa forma, letrados.

O letramento pode ser compreendido como um percurso de inserção e participação do indivíduo no mundo da escrita, que acontece em diferentes instâncias sociais onde o sujeito vive, desde o seu nascimento, e se estende durante toda a vida, envolvendo-se com as práticas de leitura e escrita formais ou não formais.

As reflexões conceituais apresentadas sobre letramento conduzem às discussões sobre as **condições de sujeito alfabetizado e letrado (Sujeito alfabetizado e não letrado; Sujeito letrado e não alfabetizado)** e as principais condições que estes estados atribuem ao indivíduo.

Diferentemente da alfabetização, em que se pode reconhecer o momento no qual o indivíduo está alfabetizado, o letramento é um processo, em permanente construção, sendo impossível se chegar a um produto final, exato, perceber como se dá a transição da condição de iletrado para a de letrado. Sobre isso, Soares (2010, p. 24) acrescenta alguns esclarecimentos exemplificando-os:

Uma [...] inferência que se pode tirar do conceito de **letramento** é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser **analfabeto**, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a *letramento*). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprias da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são ditas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do **letramento**, já é, de certa forma, **letrada**. (Em negrito no original)

Desta forma, existem pessoas alfabetizadas, mas com muitas limitações com relação a escrita e leitura, o que demonstra baixo nível de letramento; enquanto que existem pessoas que não tiveram acesso ao código formal linguístico, oferecido pelos sistemas de ensino, mas que têm acesso a vários veículos textuais, e interagem com e sobre eles, passando a fazer o uso social da língua.

O letramento refere-se a viver as condições ou o estado de leitura e escrita no contexto do seu cotidiano. Um sujeito alfabetizado não é essencialmente um indivíduo letrado; e que muitas vezes o sujeito pode ser letrado, sem nunca ter tido acesso a alfabetização formal, mas interage com as funções da língua e responde às demandas da leitura e da escrita de maneira satisfatória. Esta compreensão dá suporte ao entendimento de que existem níveis e condições distintas entre estes dois processos.

O sujeito letrado assume outra postura no mundo, passa a participar de forma ativa das decisões do seu meio, exercendo relação de poder ideológico e social sobre o próximo, influenciando nas tomadas de decisões e tornando-se líder das lutas de sua classe. O sujeito alfabetizado e letrado é aquele que “aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e de escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição”. (SOARES, 2010, p. 36).

É importante esclarecer que há casos de um analfabetismo total, no sentido do não domínio do alfabeto e de suas complexidades; já sobre o letramento, não se pode inferir o mesmo, pois conforme ilustra Tfouni (1988, p. 18), “não existe, nas sociedades modernas, o

letramento ‘grau zero’, que equivaleria ao ‘iletramento’.” E ainda acrescenta: “Do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são ‘graus de letramento’, sem que com isto se pressuponha sua inexistência”. Desta maneira, é inviável pressupor um nível zero, nulo de letramento.

Sujeito alfabetizado e não letrado: Existem aqueles indivíduos que mesmo tendo acesso a escola, tornando-se alfabetizados, não desenvolvem um grau de letramento satisfatório, até leem e escrevem, ou melhor, reproduzem o escrito, mas não o compreendem, não possuem habilidades práticas do uso adequado da leitura e da escrita. São ineficientes mesmo até na produção de pequenos textos, do cotidiano, como bilhetes ou cartas, pois quando as escrevem, as fazem de modo muito confuso, sem respeitar nenhum limite da língua, sem coesão ou coerência, ficando ininteligível de sentido para quem lê. Neste caso, considera-se o indivíduo alfabetizado, porém não letrado ou iletrado.

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Sujeito letrado e não alfabetizado: Para um sujeito ser considerado letrado não é necessário obrigatoriamente ter frequentado a escola ou que tenha domínio da leitura e da escrita, mas é necessário que o mesmo pratique a leitura de mundo nas ações do seu dia-a-dia, sendo um cidadão atuante na comunidade no qual se insere, sejam nos eventos formais ou não formais de seu grupo cultural. Com isto, ele denota que mesmo não sendo alfabetizado, não tendo o domínio das regras da língua culta, apresenta uma determinada condição de letrado, em decorrência das suas vivências práticas com as diferentes modalidades da língua, portanto, ele é de certa forma letrado, porém não com perfeição, com totalidade.

O sujeito do letramento, no entanto, não é necessariamente alfabetizado. [...] nem sempre estão ao seu alcance certas práticas discursivas que se materializam em portadores do texto específicos (da modalidade escrita, portanto), cujo domínio é fundamental para a efetiva participação nas práticas sociais. Existe um processo de distribuição não homogêneo do conhecimento, o qual produz tanto a participação quanto a exclusão. Sem dúvida, a exclusão é maior no caso do sujeito letrado não alfabetizado. (TFOUNI, 2010, p. 86).

Isto é notório nas diferentes relações existente no meio social, com os quais se interage, considerando a diversidade cultural, pois aquelas pessoas que nunca frequentaram a escola e

não têm domínio do alfabeto e suas particularidades linguísticas, mas fazem uso claro deste, na comunicação, na expressão e na articulação de ideias podem ser consideradas de certa forma letradas, pois

em uma sociedade letrada, apesar de a maior parte das atividades ser organizada na forma da escrita, existem, no entanto, grupos de pessoas que delas participam de uma forma tangencial, até marginal, visto que não sabem ler nem escrever. São os não alfabetizados. (TFOUNI, 2010, p. 68)

Por exemplo, aquele senhor que sempre morou no campo, nunca frequentou a escola e teve uma vida dedicada ao trabalho na lavoura, plantando e colhendo, e conhece todas as ferramentas e partes deste processo, pode ser tido como letrado, bem como o engenheiro agrônomo, um profissional de nível superior, que tem toda uma bagagem formal, adquirida pela escola; o que vai distingui-los é o nível social de letramento em que eles se encontram.

Existem, assim, muitas outras situações relacionadas ao exercício de tarefas profissionais, em que é possível identificar casos de letramento mesmo sem alfabetização, como no caso das cozinheiras ou empregadas domésticas, que muitas vezes não frequentaram a escola e não sabem ler, mas através da experiência do cotidiano, têm o domínio de técnicas de cozinhar, receitas de culinária, da mesma forma que o profissional da gastronomia, sendo um sujeito alfabetizado, que estudou e tem um aprofundamento formal na área.

No contexto escolar, isso também pode ser verificável em situações nas quais, por exemplo, um educando que tem características comportamentais que o colocam na condição de especial, e, por este motivo, tem muitas das suas habilidades cognitivas comprometidas. Não consegue ler ou escrever, porém apresenta excelentes índices de interação social com os pares, desenvolve-se nos aspectos físicos, portanto, não é alfabetizado. Mas pode ser considerado letrado, por fazer uso, ainda que de maneira livre e espontânea, das funções linguísticas. Soares (2010, p. 47) destaca que quem é letrado

[...] não sabe ler nem escrever, mas usa a escrita: pede a alguém que escreva por ele, dita uma carta, por exemplo (e é interessante que, quando dita, usa as convenções e estruturas linguísticas próprias da língua escrita, evidenciando que conhece as peculiaridades da língua escrita) – não sabe escrever, mas conhece as funções da escrita, e usa-as, lançando mão de um “instrumento” que é o alfabetizado (que funciona como uma máquina de escrever...); pede a alguém que leia para ele a carta que recebeu, ou uma notícia de jornal, ou uma placa na rua, ou a indicação do roteiro de um ônibus – não sabe ler, mas conhece as funções da escrita, e usa-a, lançando mão do alfabetizado. É

analfabeto, mas é, de certa forma, *letrado*, ou tem um certo nível de letramento. (grifos da autora)

A discussão proposta pela autora pode ser ilustrada a partir do exemplo retratado no cinema, no premiado filme de Walter Salles, “*Central do Brasil*”, em que a personagem Dora, interpretada por Fernanda Montenegro, usa das suas habilidades de leitura e escrita como uma profissão em troca dinheiro, a de “escriva”, (SOARES, 2010), para escrever correspondências para pessoas analfabetas. A discussão é situada por Soares (2003c, p. 01) quando destaca:

Há aqueles que sabem como deveria ser aplicada a escrita, porém não são alfabetizados. “Como no filme *Central do Brasil* – alguns personagens conheciam a carta, mas não podiam escrevê-la por serem analfabetos. Eles ditavam a carta dentro do gênero, mesmo sem saber escrever. A personagem principal, a Dora (interpretada pela atriz Fernanda Montenegro), era um instrumento para essas pessoas letradas, mas não alfabetizadas, usarem a leitura e a escrita. No universo infantil há outro bom exemplo: a criança, sem ser alfabetizada, finge que lê um livro. Se ela vive em um ambiente literário, vai com o dedo na linha, e faz as entonações de narração da leitura, até com estilo. Ela é apropriada de funções e do uso da língua escrita. Essas são pessoas letradas sem ser alfabetizadas”. (SOARES, 2003, p. 01)

Apesar de ser uma obra fictícia, o filme ilustra bem a situação descrita neste estudo. Após assistir e analisar os trechos, identifica-se que realmente as pessoas que a usam para escrever cartas, estão automaticamente envolvendo-se em uma prática social, a de se corresponder, e mesmo que indiretamente utilizam os códigos da língua escrita, demonstrando, de forma peculiar a sua condição de sujeitos letrados. A pessoa que escreve a carta é apenas um instrumento para essas pessoas letradas, porém não alfabetizadas, explorarem a leitura e a escrita.

Com isso, enfatiza-se que não é porque o indivíduo não sabe ler e escrever (não alfabetizado) que deixa de ser uma pessoa instruída, apta ao exercício livre da cidadania, por fim, letrada, prova disso é que conhece o gênero textual cartas. Apenas não tem domínio do conhecimento formal do código escrito.

Portanto, diante dessas considerações, é possível destacar que a natureza do fenômeno da escrita (o letramento) consiste, pois, na problematização progressiva das formas como ela se apresenta na sociedade, considerando-se para este entendimento, os deferentes níveis de letramento expressos nas práticas cotidianas – os letramentos –, os quais devem ser reconhecidos e valorizados, buscando cada vez mais, por meio da leitura e da escrita, possibilitar a construção cidadã do sujeito, o qual, independente da alfabetização, possui

múltiplos saberes e experiências que o “capacita” a lidar com diferentes textos, interagindo e construindo sentidos sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, propõe-se uma discussão acerca do letramento, como fenômeno da escrita, que para além da esfera escolar, alcança um *contínnum* de práticas sociais dos sujeitos, atribuindo-lhes *status* e espaços de realização social por meio da escrita. O letramento, na dimensão das manifestações das formas de leitura e escrita hoje, constitui um modo de referendar e organizar o mundo, por meio de processos de construção e reconstrução de sentidos e interação entre os sujeitos, nos quais interfere o aspecto da subjetividade e da realização de um projeto de si a partir do modo como ‘leio o mundo’.

São vastas as discussões em torno desse tema, e que não o esgotam, ou tornam-se obsoletas; muito pelo contrário, a amplitude desse fato se dá pelo reconhecimento de que no contexto atual existem novas formas “de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita”, destaca Marcuschi (2010, p. 18), em complementaridade a sua ideal inicial na introdução deste texto. Sintetizando as palavras do autor: a escrita não mudou, mas as formas como os sujeitos relacionam-se com ela mudaram atualmente, constituindo assim, o fenômeno dos letramentos, letramentos múltiplos, multiletramentos, conforme Rojo (2012/2013); ou como a autora mais recentemente trata, quando diz que se vive no contexto da hipermodernidade, multimodalidades, multissemióticas, multiletramentos, hiperletramentos. (ROJO; BARBOSA, 2015).

É fato, portanto, diante deste entendimento de que o reconhecimento dos diferentes níveis e formas de manifestação do letramento tem possibilitado uma efetiva compreensão acerca de como a escrita (letramento) tem uma importante contribuição nos processos de ensino e aprendizagem mediados pela escola e, sobretudo, na construção social do sujeito na sociedade, admitindo os diferentes jeitos de se envolver com o texto, captando dele, a compreensão que lhes possibilite agir e pensar criticamente sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

- CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL; Francisca Izabel Pereira; MARTINS; Raquel Márcia Fontes. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- LIMA, Renato. Por que ainda alfabetização 'e' letramento? In: **ANAIS do I Encontro de Letras do Delta do Parnaíba** [Online]. Parnaíba: UFPI, 2015. v. 1. p. 270-282. Disponível em: < <https://drive.google.com/a/ifpi.edu.br/file/d/0ByWkOunbzto6MUUxWTItRURXUk0/view> >. Acesso em: 12 ago. 2015.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento**: perspectivas linguísticas. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- _____. Letramento escolar em três práticas: perspectivas para a multivocalidade. **Rev. ANPOLL**, n. 11, p. 235-262, jul./dez. 2001. Disponível em: < <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/586> >. Acesso em: 29 jan. 2015.
- _____; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- _____. **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.
- _____; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- _____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003b.
- _____. **Entrevista concedida ao Jornal do Brasil** em 26/11/2000. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufjf.br/~edpaes/magda.htm>> Acesso em: 03/11/2012.
- _____. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003a. p. 89-113.
- _____. O que é letramento. In: **Jornal Diário na Escola**: Diário do grande ABC. Sexta-feira, 29 de agosto de 2003. 2003c. Disponível em: < <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf> >. Acesso em: 12 ago. 2015.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010
- _____. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.
- STREET, Brian V. **Social Literacies**. Critical Approaches to Literacy in Development, Ethnography and Education. Harow: Pearson, 1995.
- _____. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.